

A PRÁTICA EDUCATIVA DA ATIVIDADE MOTORA NA INDÚSTRIA

Maria de Fátima Fernandes Vara Sípoli¹

RESUMO

Este estudo levantou, em uma indústria do ramo de eletro-eletrônicos da Região Metropolitana de Curitiba, questões sobre o significado da prática motora, buscando sua contribuição para a formação global do trabalhador. Objetivou analisar como está acontecendo a prática da atividade física laboral e se os trabalhadores compreendem o significado da ginástica laboral como prática educativa. A atividade física na indústria tem a finalidade de garantir as ações necessárias para a promoção da saúde dos trabalhadores e uma real valorização do corpo e do movimento. Ao orientar atividades motoras para o trabalhador, deve ser dada a oportunidade de vivenciar autênticas experiências corporais, que ele crie sua própria concepção de movimento, como parte da construção do conhecimento na perspectiva da práxis. A compreensão da dimensão educativa do conhecimento motor pode possibilitar ao aluno-trabalhador uma real vivência do sentido de responsabilidade do sujeito na construção da realidade. O instrumento utilizado para a coleta foi uma entrevista semi-estruturada. A partir da análise dos resultados, conclui-se que, embora todos os entrevistados trabalhem no chão de fábrica e sofram um grande desgaste físico, nem todos têm acesso à ginástica laboral, alguns têm acesso, mas não fazem. Deve-se aprofundar na busca da realidade a ser enfrentada: o respeito pelas características individuais de cada trabalhador, suas capacidades e limitações. A ginástica laboral deve ser a produção própria e criativa do conhecimento. Sem esse enfoque, será informativa, quando deveria ser formativa.

Palavras-chave: Ginástica Laboral; prática educativa; indústria.

ABSTRACT

This study lifted, in na industry branch of eletro-electronic of the Metropolitan Area of Curitiba, subjects on the meaning of the motor practice, searching for its contribution to the overall formation of the worker. The objective was to analyze how they practice labor gymnastic and if they understand the meaning of the labor gymnastic as an educational practice. Physical activity in the industry aims to ensure the necessary actions to promote the health of workers and a real appreciation of the body and movement. By guiding motor activities for the worker should be given the opportunity to experience authentic body experiences, he creates his own conception of movement as part of the construction of knowledge from the perspective of praxis. Understanding the educational dimension of knowledge engine can enable the student-worker experience a real sense of responsibility of the individual construction of reality. The instrument used for the collection was a semi-structured interview. From the analysis of the results, we conclude that, although all interviewees working in the factory floor and a great physical suffering, not everyone has access to gym work, some have access, but don't practice. Should be strengthened to reality to be faced: the respect for the individual characteristics of each worker, their capabilities and limitations. The gymnastics should be very creative and production of knowledge. Without this approach, it will be informative, when it should be formative.

Keywords: Labor Gymnastics; educational practice; industry.

1 - Mestrado em Educação e Trabalho pela Universidade Federal do Paraná (2000). Universidade Positivo. E-mail: mfatimafv@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Etmologicamente, a palavra trabalho deriva do latim *tripalium*, que significa aparelho destinado a constringer, torturar. O verbo trabalhar, da mesma forma, veio do latim *tripaliare*, que significa torturar com o *tripalium*. Fialho e Santos (1997, p. 31) chamam a atenção para os componentes de sofrimento e constrangimento submetidos, há milênios, na concepção de trabalho.

O processo de trabalho é uma condição da existência humana; é comum a todas as formas de sociedade, mas se diferencia de acordo com as relações sociais estabelecidas a partir dos modos de produção existentes. (MARX, 1983).

A partir dos anos 80, com a Reestruturação Produtiva, o regime de acumulação flexível traz a implantação de novas tecnologias no processo produtivo, provocando mudanças nos equipamentos de trabalho, nas formas de organização e gestão, impondo novos padrões de produtividade, lucratividade e competitividade. Por outro lado, a automação industrial de base microeletrônica traz mudanças para o trabalhador, tanto no controle do processo de trabalho quanto nas formas de organização. Antunes (1995, p. 15) explica algumas das transformações que ocorreram a partir da década de 80:

Em uma década de grande salto tecnológico, a automação, a robótica e a microeletrônica invadiram o universo fabril, inserindo-se e desenvolvendo-se nas relações de trabalho e de produção do capital. Vive-se no mundo da produção, um conjunto de experimentos, mais ou menos intensos, mais ou menos consolidados, mais ou menos presentes, mais ou menos tendenciais, mais ou menos embrionários. O fordismo e o taylorismo já não são únicos e mesclam-se com outros processos produtivos.

As implicações que as mudanças tecnológicas têm produzido nos processos de trabalho levam à necessidade de reavaliação dos princípios educativos utilizados até então. A lógica do desenvolvimento da acumulação do capital acaba por refletir também sobre o corpo do trabalhador, expressando a dimensão pedagógica do trabalho. É fundamental que as ações a respeito da educação, trabalho e saúde do trabalhador estejam comprometidas com seu corpo. Mas não com um corpo que não se manifesta, que não sente, mas com um corpo enraizado no contexto concreto, que cria suas formas e deixa suas marcas.

Com tantas modificações ocorridas, são necessários novos estudos sobre o

significado da educação para a saúde dos trabalhadores. O impacto gerado pelas novas bases científicas e tecnológicas sobre o trabalho humano deve ser interpretado numa perspectiva onde o homem esteja inserido concretamente no contexto, afinal, “conhecer é conhecer objetos que se integram na relação entre o homem e o mundo, ou entre o homem e a natureza, relação que se estabelece graças a atividade prática humana”. (VÁSQUEZ, 1968, p.153)

Portanto, esta perspectiva justifica a investigação da prática educativa da atividade motora na indústria e a discussão de uma nova pedagogia da educação motora com ênfase na saúde dos trabalhadores. Este texto não pretende oferecer uma análise fechada e acabada. Esboça as possibilidades de uma prática motora que valorize a construção e a reorganização dos conteúdos críticos, no sentido da construção de cidadãos mais conscientes das possibilidades de benefícios com a prática da ginástica laboral.

A práxis motora deve ser entendida, não por uma visão parcial do conhecimento, mas na riqueza de sua totalidade que se transforma historicamente, mudando as relações do homem com seus próprios movimentos. (MAGALHÃES, 2005)

Por um lado, o homem moderno, com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia, conquistou a possibilidade de controlar seu próprio corpo, combatendo doenças, prolongando a vida, por outro, além do fato de que essas possibilidades são restritas a poucos, o homem de hoje sofre também pela sobrecarga de informações, hipocinesia ou pelo excesso de movimentos.

A prática educativa do movimento do corpo deve trabalhar o homem em sua totalidade, não podendo ser desvinculada da sua forma de ser, pensar e de se expressar. A prática pedagógica pode possibilitar ao aluno-trabalhador ampliar o conhecimento do próprio corpo. Daí a necessidade de conhecer a realidade da pedagogia do movimento no mundo do trabalho.

Desde 1988, acompanhando grupos de trabalhadores, foi possível perceber a dificuldade motora que tinham ao iniciar o trabalho, a dificuldade para compreender e movimentar o próprio corpo. Muitos trabalhadores tiveram acesso apenas ao ensino supletivo, no qual não existe, na maior parte dos casos, a obrigatoriedade da prática da Educação Física.

Pode-se supor, portanto, que esses trabalhadores tenham carências no que

diz respeito às experiências do corpo em movimento. Se não vivenciaram diversidades de atividades corporais, como “impor” uma atividade acabada, sem antes avaliar e tentar compensar, de forma progressiva as carências existentes?

MATERIAL E MÉTODOS

O método utilizado para o presente estudo foi o materialismo dialético, por entender que, a partir de suas categorias, seria possível uma melhor compreensão do programa de ginástica laboral como prática educativa e das transformações ocorridas na relação corpo e trabalho. Segundo Kosik (1976, p. 17), a “dialética é o pensamento crítico que se propõe a compreender a coisa em si e sistematicamente se pergunta como é possível chegar à compreensão da realidade”.

Para analisar a representação do corpo no atual modo de produção, bem como estabelecer uma relação da educação e saúde no ambiente de trabalho, faz-se necessário compreender o ambiente daqueles que são a fonte da pesquisa: os trabalhadores. Segundo Kopnin (1978, p. 250), “para o dialético materialista não pode haver qualquer dúvida de que a hipótese científica surge das necessidades de aquisição do conhecimento objetivo do mundo, de que através das hipóteses ocorre o conhecimento das propriedades e leis objetivas”. Assim, seria uma análise fragmentada analisar apenas dados do ambulatório médico ou relatórios da empresa. Para Kosik (1976, p.48), “o homem não pode conhecer o contexto real a não ser arrancando os fatos do contexto, isolando-os e tornando-os relativamente independentes”.

As novas formas de transmissão de conhecimento para os trabalhadores deveriam propiciar uma verdadeira compreensão dos programas oferecidos pela empresa, para que os mesmos pudessem tornar cada atividade uma possibilidade de aprendizagem. Segundo Ramos (2005) [...] a necessidade de se “teorizar” as atividades práticas, buscam-se em certa medida, sua bases científica, o que levou a aproximação da formação técnica com as ciências da formação geral. [...] de modo que a formação profissional passou a obedecer a uma seqüência clara e linear: fundamentos seguidos por métodos e esses seguidos pela experimentação.

Este estudo considerou as informações adquiridas dos próprios trabalhadores, pois a memória do trabalhador, seu “resgate coletivo” é parte

necessária e constitutiva do movimento de luta pela saúde (LOPES, 2000). Seguiu o seguinte cronograma: (1) análise de documentos dos programas de saúde e segurança de trabalho da empresa. Discussão e proposta do plano de pesquisa; (2) visita à fábrica com vistas à primeira observação do processo de trabalho; (3) análise do programa de treinamento em ergonomia e ginástica laboral na empresa; (4) escolha do grupo de trabalhadores que seria entrevistado; (5) realização das entrevistas; (6) tabulação e análise de dados.

Durante um ano foram realizadas reuniões semanais, nas quais participaram: profissionais do departamento médico da empresa; profissionais da área administrativa da Empresa; profissionais da segurança do trabalho da Empresa.

As reuniões aconteceram no período da manhã, em uma das salas de reunião da própria empresa. Também foram feitas visitas ao chão de fábrica para melhor observação da realidade em que se encontravam os trabalhadores, bem como análise das funções que cada um desempenhava.

Além das discussões interdisciplinares, elaborou-se uma entrevista semi-estruturada, posteriormente utilizada para a coleta de dados. A entrevista semi-estruturada foi recortada em três categorias: educação, saúde e trabalho, com suas respectivas sub-categorias.

Optou-se por uma pesquisa qualitativa, que tem como intenção operacional a descrição e análise do depoimento de um determinado grupo de trabalhadores, estimulados a partir de questões desencadeadoras. Em virtude da disponibilidade de tempo da empresa e dos trabalhadores, não foi possível envolver a totalidade da população alvo, optou-se por selecionar um grupo amostral que fosse qualitativamente relevante em termos de depoimentos que subsidiaram os resultados do presente estudo.

Os trabalhadores que compõe o grupo amostral da pesquisa foram selecionados por meio de uma técnica não probabilística, do tipo acidental. Foi selecionado ao menos um representante de cada setor, para que pudesse ser feita uma análise de todos os postos de trabalho existentes no chão de fábrica da indústria em questão.

O número de trabalhadores informantes foi determinado pelo momento em que os dados coletados começaram a ser repetitivos, não acrescentando novas informações ou opiniões àquelas já coletadas. Uma vez que o sentido de uma

pesquisa qualitativa não está na obtenção do maior número de informações iguais, buscou-se consistência e variabilidade das respostas com vistas a melhor compreensão do processo de trabalho e a importância da ginástica laboral como prática educativa.

Na época da pesquisa, o total de trabalhadores do chão de fábrica era de aproximadamente 700. Foram realizadas entrevistas com 70 trabalhadores, sendo 28 mulheres e 42 homens.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A idade dos entrevistados variou de 23 a 48 anos. A formação escolar variou de quarta série do Ensino Fundamental ao Ensino Médio completo. Em relação à formação, encontramos técnicos em contabilidade, técnicos em mecânica, técnicos em eletrônica, almoxarife e cursos de aperfeiçoamento que a própria empresa ofereceu.

Alguns têm o salário como única fonte de renda e sobrevivência, outros desenvolvem atividades extras, como lavar roupa para fora, vender panos bordados, fazer tricô, trabalhar como garçom, entregar pizza. Uma funcionária respondeu que faz agiotagem dentro da empresa e tem muito medo que algum chefe de setor descubra. Estes dados são relevantes, na medida em que podem estabelecer um fator a mais de estresse e sobrecarga de trabalho. Um exemplo disso é o caso da funcionária que faz movimentos repetitivos com membros superiores e lava roupa para fora como complemento de renda.

O IMPACTO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA QUESTÃO DA SATISFAÇÃO DOS TRABALHADORES NA REALIZAÇÃO DAS TAREFAS: OS TRABALHADORES GOSTAM DO QUE FAZEM?

Deve-se considerar as opiniões dos trabalhadores em relação ao trabalho que executam, afinal “são operários e operárias com nomes e rostos, totalmente penetrados pelas coisas, pelos outros e pelo mundo” (LOPES, 2000, p. 97). O sujeito trabalhador, segundo Castoriadis (In: LOPES, 2000, p. 97)

Apresenta-se como essa estranha totalidade, que não é uma e é uma ao mesmo tempo, composição paradoxal de um corpo biológico, de um ser social, de uma pessoa mais ou menos consciente, [...], tudo extremamente heterogêneo e, porém, definitivamente indissociável. Nesse sentido é que os sujeitos não podem ser tomados como “seres genéricos”. Ao contrário, são constituídos pela diferença e pela singularidade com que investem determinados objetos em favor de sua alteridade.

A partir da análise de diversas respostas, observou-se que alguns trabalhadores trabalham apenas para garantir o salário do final do mês, enquanto outros têm prazer no que fazem, principalmente quando o resultado é bom e alguém faz um elogio. Dentre as respostas mais citadas, pode-se destacar: “me dá prazer é ver bem feito, nenhum defeitinho, quando os outros elogiam”; “gosto de ver a peça, de ver o projeto, de saber que vai ser útil no processo produtivo”; “gosto muito”; “sim, quando tem o que fazer”; “já gostei mais, agora é muita rotina”; “não há desafios, não se pode estudar e planejar”; “faço por necessidade, preciso do trabalho”.

Os trabalhadores gostam de ser reconhecidos como agentes de produção, e não simplesmente uma peça que liga e desliga uma máquina. É importante o caráter individual, a criatividade, o desafio. Isso só é possível com uma educação comprometida com o educando, para a superação de uma educação pautada na informação, limitada pela exigência da poli-Valência, educação que sucateia a mão de obra, em uma perspectiva de política intelectualmente limitante. (FRIGOTTO, 1996)

Por outro lado, o que gera insatisfação para os trabalhadores é: “ficar parado”; a rotina que não permite desafios”; “falta de oportunidade de crescer”; “não gosto quando tem que fazer serviço pesado e ninguém ajuda, falta colaboração”; “o que mais odeio é que alguém chegue com trabalho na hora de ir embora na sexta-feira”.

Eles sentem discriminação entre os setores, como pode-se verificar pelos relatos: “a diferença de cor do guarda-pó entre almoxarifado(azul) e fábrica(branco), porque o pessoal da fábrica se sente mais superior do que os do almoxarifado”; “tem pessoas que tem mais oportunidades que as outras”; “quando tem algum problema sempre são os pião que leva a culpa, é a falsidade”; “não gosto da discriminação de função aqui dentro da empresa, entre o pessoal que trabalha no escritório e na produção”; canso de ficar sentada e certas pessoas que conversam com o chefe saem para fumar com ele, para tomar café”.

O trabalho em si sofreu transformações, bem como os empregos, tanto no

que diz respeito à qualidade quanto a quantidade. Segundo Braverman(1977, p. 199) “o ‘progresso’ do capitalismo parece apenas aprofundar o abismo entre o trabalhador e a máquina e subordinar o trabalhador cada vez mais resolutamente no jugo da máquina”. As novas tecnologias disseminaram um alto nível de sofisticação para as máquinas, mas existe também a necessidade do mesmo empenho na questão humana.

PROGRAMAS DE CULTURA, EDUCAÇÃO E SAÚDE DESENVOLVIDOS PELA EMPRESA: PARA OS TRABALHADORES?

Atualmente, o mundo experimenta a flexibilização nos processos de trabalho, a partir da implantação de novas tecnologias. Vive-se o momento atual de flexibilização muito mais no sentido de ter um trabalhador apto a responder prontamente a uma série de possibilidades de tarefas, sem o inconveniente de precisar interromper totalmente o ritmo de produção. (Antunes, 2005, p. 42-43).

No âmbito educacional, Kuenzer (2007, p.32) lembra que:

[...] Na verdade, cria-se uma nova casta de profissionais qualificados, a par de um grande contingente de trabalhadores precariamente educados, embora ainda incluídos, porquanto responsáveis por trabalhos também crescentemente precarizados. Completamente fora das possibilidades da produção e do consumo, e em decorrência, do direito à educação e à formação profissional de qualidade, uma grande massa de excluídos cresce a cada dia, como resultado do próprio caráter concentrador do capitalismo, acentuado por esse novo padrão de acumulação.

Os programas de educação para a saúde deveriam ser organizados com o enfoque de atender as necessidades dos trabalhadores. Mas percebe-se que os profissionais que organizam as ações nas empresas em lugar de comunicar-se, fazem ‘comunicados’ e depósitos que os trabalhadores – educandos, recebem pacientemente, memorizam e repetem. “Eis aí a concepção ‘bancária’ de educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam” (FREIRE, 2002, p. 58).

Existindo novas formas de trabalho, busca-se adequar a educação à essa nova forma. “A educação por não poder ser neutra, tanto pode contribuir para a transformação social como para a manutenção do status quo e para a permanência

das injustiças”. (FREIRE, 2000) “Por isso, não só falo e defendo mas vivo uma prática educativa radical, estimuladora da curiosidade crítica à procura sempre da ou das razões de ser dos fatos” (FREIRE, 2000, p. 58).

A invenção da máquina substituindo a ferramenta, que passou a subordinar o trabalhador. A educação de massa presencia a contradição entre a perspectiva do conhecimento como forma de liberar o homem e a expectativa limitada, suficiente para atender o processo produtivo. Segundo Schaefer e Jantsch (1995),

Temos pois, que a lógica-processual popular, em temas fundamentais como o econômico, o político, o ético e alguns ligados à cultura e do grupo social (a religião, os costumes, a educação, etc) se movimenta num círculo fechado. Nesse círculo vigora a instrumentalização do imediato ou a imediatez instrumentalizada; a prática cognitiva da conceituação em torno e sobre representações sensíveis, o que impossibilita o alcance de maior nível de abstração; a bricolagem ou a síncrese, como uma espécie de resultado cognitivo dos comportamentos anteriores citados; ajuntamento de idéias, noções ou conceitos feitos de maneira, em grande parte aleatória (mesmo que esse aleatório tenha origem em fatos concretos, como falta de moradia, a falta de comida, o desemprego, lutas comunitárias, lutas sindicais, doenças, o salário, etc.) e que, juntos, não conseguem produzir um novo conjunto conceitual, diferente daquele oferecido.

Assim, foram feitos questionamentos em relação aos programas educativos oferecidos pela empresa, para averiguar se as propostas atendem as necessidades dos trabalhadores e se os trabalhadores compreendem ou não essa proposta. E ainda, se percebem a ginástica laboral como práticas educativa e, principalmente, se aproveitam esse conhecimento para mudanças positivas de estilo de vida, buscando melhorias dentro e fora do ambiente de trabalho.

Quando foram questionados se conhecem os programas de lazer e de cultura que a empresa oferece e se participam de algum deles, as respostas foram: “coral”; “recital”; “futebol”; “faço parte do grupo de veteranos que promove o baile do *chopp*, churrascada, peixada – aquela cervejinha, aquele bate-papo é gostoso”; “conheço a biblioteca”; “não participo de nada”; “tem a colônia de férias para os filhos”; “tem os programas de esporte”; “não participo por falta de tempo”; “tem baile, festa junina, festa para as crianças”.

Percebe-se que os trabalhadores não participam da organização das atividades . Quando se estrutura uma atividade de educação e cultura dentro empresa, existem alguns aspectos que necessitam de reflexão: O primeiro refere-se à relação da empresa com a cultura do local onde ela está situada, permitindo que

os trabalhadores se enxerguem em seu espaço, sintam-se reconhecidos. Isso independe de datas comemorativas, além de valorizar o dia-a-dia das pessoas.

Um outro fator a ser considerado é a seleção dos temas: é muito mais fácil avançar na busca pelo conhecimento quando são passadas situações a partir do saber já vivenciado, podendo ser relacionado com cidadania, sustentabilidade. Por outro lado, atividades “impostas” mostraram ser insuficientes para transmitir novas formas de saber.

Uma comissão bastante importante no que diz respeito à saúde e prevenção de acidentes é a CIPA. Questionados se conheciam, muitos responderam que não conheciam. Os trabalhadores têm dificuldades em compreender as informações apenas por cartazes ou panfletos. Gostariam que o pessoal da CIPA conversasse mais durante o ano, e não apenas no período de eleição.

Os programas de segurança deveriam interessar muito mais aos trabalhadores. Contudo, os entrevistados mostraram-se sem interesse em participar e dificuldade para entender as propostas. Percebeu-se certo receio em conversar sobre segurança. Eles entendem que certos riscos são “normais”, preferem não levantar polêmicas, entendendo que isso colocaria o emprego em risco.

Quanto aos programas de saúde oferecidos pela empresa, os trabalhadores referiram-se à “vacinação”, “primeiros socorros em caso de acidentes”, “exame periódico anual”, “palestras como a da osteoporose”, “presença de uma farmácia e ambulatório”, “no ambulatório fazem curativos, dão pomadas para passar na dor muscular”; “ginástica, mas acho que não foi para meu setor porque são todos homens”; “palestras de como sentar, como fazer exercícios com as mãos”; “semana da saúde”; “programa de qualidade de vida”.

Observa-se uma tendência de priorizar, nos programas voltados à saúde, práticas focadas na doença, na assistência curativa, na prescrição de medicamentos, e poucos que buscam ações de práticas preventivas, educação para a saúde e a busca da melhoria de qualidade de vida, atuando de um modo mais abrangente e efetivo, verdadeiramente preocupado com a efetividade e aproveitamento dos programas voltados aos trabalhadores. (MINAYO, 2000)

O programa de saúde mais citado foi a campanha contra osteoporose. Para os trabalhadores os fatores mais importantes para a saúde são: “ter uma boa saúde”; “noite bem dormida”; “boa alimentação” e “ter um emprego”.

A ginástica laboral e as adequações ergonômicas foram citadas por alguns, mas é perceptível que ainda não entendem o real valor dessas práticas como promotoras de saúde. Os programas de saúde devem estar inseridos na realidade concreta dos alunos, devem ser muito mais do que panfletos ou informações. Segundo LOGEN (2003), para que a ginástica laboral seja efetiva, é necessária a realização de uma análise ergonômica, pois poucos minutos de alongamento não poderiam compensar horas de postura inadequada.

A ginástica laboral, juntamente com as adequações ergonômicas, podem ser um instrumento de valor educativo ou poderão produzir conseqüências negativas, dependendo dos profissionais que os elabore. A ginástica laboral como prática educativa na indústria é necessária para “manter, produzir e reproduzir a vida, construindo-se significados e significantes subjetivos que se objetivam na expressividade humana corporal e configuram linguagens, níveis e graus de consciência e práticas” (TAFFAREL, 2000, p. 93), contribuindo como uma prática transformadora da realidade de cada um dos trabalhadores.

Quando o trabalhador executa movimentos repetitivos, mas sem as devidas compensações, põe a integridade física do seu corpo em risco. Mas compensar não significa apenas fazer o movimento contrário. Existe a necessidade de uma visão muito mais ampla em relação à compreensão e autonomia dos movimentos. Bertherat e Bernstein (1991) acreditam que

Quando renunciamos à autonomia, abdicamos de nossa soberania individual. Passamos a pertencer aos poderes, aos seres que nos recuperam. Se reivindicarmos tanta liberdade é porque nos sentimos escravos; e os mais lúcidos reconhecem ser escravos-cúmplices. Mas como poderia ser de outro jeito, se não chegamos a ser donos nem da nossa primeira casa, da casa que é o corpo? [...] Nosso corpo somos nós. É nossa única realidade perceptível. Não se opõe à nossa inteligência, sentimentos, alma. Ele os inclui e dá-lhes abrigo. Por isso tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro...pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas a sua unidade.

CONCLUSÃO

Analisar o que vem sendo feito da ginástica laboral nos leva a refletir outras possibilidades de escrever o presente e o futuro. Existe a necessidade de entender teoria e prática como elementos complementares, inseparáveis para um

reconhecimento social e científico.

Com a Reestruturação Produtiva e Acumulação Flexível, o trabalho em si sofreu transformações, bem como os empregos, tanto na qualidade quanto na quantidade.

Os programas voltados a educação e cultura parecem cumprir um calendário, sem preocupação com participação dos trabalhadores, tanto nas escolhas quanto na organização.

A concepção de saúde dos trabalhadores, em relação ao tipo de trabalho que desenvolvem na empresa também ocorre de acordo com a lógica do sistema: ainda existe a idéia de que certos sinais e sintomas são comuns pela função ou pelo tempo de serviço. Essa idéia pode ser transformada se os trabalhadores tiverem um bom embasamento e uma boa compreensão das possibilidades de prevenção e manutenção de um estilo de vida melhor. Também consideram itens para ter uma boa saúde: noite bem dormida, boa alimentação e ter um emprego.

O impacto das novas tecnologias na questão da satisfação dos trabalhadores na realização das tarefas reflete a necessidade de manter-se atividades que permitam a criatividade e a espontaneidade, diminuindo, assim, a sensação de mera máquina que liga e desliga um botão.

Por outro lado, o que gera insatisfação para os trabalhadores do chão de fábrica é a sensação de inferioridade em relação aos demais trabalhadores e o protecionismo por parte de algumas chefias.

Embora este estudo tenha sido realizado um ano após a adaptação ergonômica, alguns problemas ainda estão presentes. Vive-se, ao mesmo tempo a realidade da transformação tecnológica com os problemas conhecidos há muito tempo: como a questão da trabalhadora que levanta uma carga excessiva acima do nível dos olhos mais de sete vezes ao dia.

Os aspectos educativos da ginástica laboral executada pelos trabalhadores do chão de fábrica ainda são precários. Persiste a idéia de movimentos biomecanicistas, elaborados a partir da análise do posto de trabalho, sem uma abordagem prévia do conhecimento e maturidade motora de forma individualizada. Embora exista o programa de ginástica no trabalho, nem todos os trabalhadores participam. Na verdade, poucos trabalhadores compreendem a ginástica laboral como prática educativa ou programa de saúde.

O que vem sendo feito é muito importante, mas precisa reforçar o enfoque educativo da ginástica laboral para que esse saber possa ser aproveitado ao longo do dia, dentro e fora da empresa. Os trabalhadores entendem que os movimentos e a postura do trabalho podem trazer prejuízos à saúde. Apesar de haver entendimento geral quanto a importância da ginástica laboral, essa atividade ainda é objeto de descaso. Pode-se observar que na teoria defende-se a necessidade de incrementar o conhecimento e a consciência motora das pessoas. Na prática, verifica-se a reprodução mecanicista de movimentos para um grupo e não para provocar mudanças nas pessoas.

O que se pretende despertar é a consciência dos profissionais. Não há solução acabada para o problema. Apesar disso, o que se pode refletir durante a elaboração deste estudo, aumentou a convicção de que os trabalhadores necessitam de uma ginástica laboral como prática educativa e conseqüentemente como promotora de melhoria de estilo de vida. Uma atividade que respeite as necessidades, possibilidades e limitações de cada um, comprometida com o bem estar das pessoas trabalhadoras.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1995.

ANTUNES, R. **Trabalho e superfluidade.** In: SAVIANI, D.; SANFELICE, J.L.; LOMBARDI, J.C. (Org.). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2005. p. 35-44.

BERTHERAT, T.; e BERNSTEIN, C.; **O Corpo tem suas Razões. Antiginástica e Consciência de Si.** 14ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

BRAVERMAN, H. *Trabalho e Capital Monopolista*. 3ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

CASTORIADIS, C. in LOPES, J. C. C. **A voz do dono e o dono da voz.** Trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril. São Paulo: Hucitec, 2000.

FIALHO, F.; SANTOS, N. dos. **Manual de Análise Ergonômica no Trabalho.** 2 ed. Curitiba: Gênese, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 33. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2002.
- FRIGOTTO, G. Educação e a crise do capitalismo real. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- KOPNIN, P. V. **A Dialética como Lógica e Teoria do Conhecimento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1978.
- KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KUENZER, Acacia Zeneida. **A difícil superação da dualidade estrutural em uma sociedade dividida e desigual**. IN.: KUENZER, Acacia (org.). Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- LONGEN, W. C. **Ginástica laboral na prevenção de ler/dort? Um estudo reflexivo em uma linha de produção**. 2003. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de PósGraduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- LOPES, J. C. C. **A voz do dono e o dono da voz**. Trabalho, saúde e cidadania no cotidiano fabril. São Paulo: Hucitec, 2000.
- MAGALHÃES, A.G.; ROMUALDO, A. S.; LIMA, M. C. G.; PEREIRA, R.. C. B.; OLIVEIRA, S.P.P. **A Formação de Professores para A Diversidade na Perspectiva de Paulo Freire**. V Colóquio Internacional Paulo Freire. Recife, 19 a 22 - setembro 2005.
- MARX, K. O Capital – **Crítica da Economia Política**. São Paulo: Abril Cultural, volume 1, 1983.
- MINAYO, M. C. S., Hartz ZMA, Buss PM. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. Ciênc & Saúde Colet 2000; 5: 7-18.
- RAMOS, M. **Possibilidades e desafio na organização do currículo integrado**. IN.: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs). Ensino Médio Integrado: concepção e contradições. São Paulo: Cortez, 2005.
- SCHAEFER, S.; e JANTSCH, A. P. **O Conhecimento Popular**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TAFFAREL, C. N. Z. **A história nos currículos de formação de profissionais/professores de Educação Física e Esporte: disciplina curricular x matriz científica**. In: Anais: Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- VÁSQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.